



RACISMO RECREATIVO E SEU IMPACTO NO AMBIENTE VIRTUAL

RECREATIONAL RACISM AND ITS IMPACT ON THE VIRTUAL ENVIRONMENT

Esdras Silva Sales Barbosa¹
Jorge Adriano Silva Junior²

RESUMO

Com as recentes e velozes adaptações dos ambientes virtuais à comunicação social, acende a necessidade de discutir as novas formas de racismo ligados à tecnologia. Usualmente, se tem visto preconceito nas redes sociais, onde se tem constatado que as redes sociais privilegiam posts com discursos de ódio. Outra constatação é que para praticar o racismo em ambiente virtual se recorre a peças humorísticas para menosprezar a comunidade negra e suas características, sendo conhecida tal atitude como racismo recreativo. Os memes são conhecidas ferramentas utilizadas por usuários racistas para difundir suas piadas e comentários indevidos. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo investigar a relação dos memes com o racismo cometido em ambiente virtual. Como resultado, identificamos que os memes são veículos de expressões do racismo recreativo difundido no ambiente virtual. A pesquisa tem caráter qualitativo se tratando de uma revisão bibliográfica exploratória realizada em artigos científicos e obras de renomados pesquisadores sobre questões raciais e redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Memes. Racismo recreativo. Ambiente virtual. Racismo algorítmico.

ABSTRACT

With the recent and rapid adaptations of virtual environments for social communication, there is a pressing need to discuss new forms of technology-related racism. Usually, prejudice has been seen on social networks, where it has been found that social networks privilege posts with hate speech. Another notable observation is that racism in the virtual environment often takes the form of humorous content aimed at belittling the black community and its characteristics, a phenomenon known as recreational racism. Memes are widely recognized tools used by racist individuals to propagate their jokes and racist comments. Therefore, this study aims to investigate the relationship between memes and racism in the virtual environment. As a result, we have identified that memes serve as vehicles for the expression of recreational racism that is disseminated in the virtual environment. This research is qualitative in nature and is based on an exploratory literature review of scientific articles and works by renowned researchers focusing on racial issues and social networks.

KEYWORDS: Racism. Memes. Recreational racism. Virtual environment. Algorithmic racism.

¹ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGD/Unisinos). Graduado em Direito pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). E-mail: esdras_advento@hotmail.com.

² Professor no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (Uniaene). Mestre e Graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: jorgeadrianojr@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

As discussões realizadas acerca do racismo algorítmico têm levado a reflexão sobre os reais limites do racismo em ambientes virtuais (Silva, 2022, p. 45). Com a velocidade que os meios digitais têm de divulgar informações e influenciar a comunidade como um todo, não é de se admirar que eles tenham capilaridade para construir um imaginário negativo acerca dos afrodescendentes e outros grupos étnicos.

Uma forma eficaz de se divulgar opiniões e influenciar o imaginário virtual é através de memes. Essas imagens costumam ser recortes de eventos, personalidades e frases de efeito com o objetivo de fazer humor com alguma situação do cotidiano virtual ou material (Torres, 2016, p. 10). Os memes têm sido utilizados por diversos grupos sociais, políticos e religiosos para difundir suas ideologias e planos de poder.

O humor, como ferramenta de desconstrução do constituído, pode servir tanto para uma crítica social antirracista como também para propagar e normalizar piadas preconceituosas acerca das características das pessoas negras, seu passado escravizado e sua condição social atualmente (Moreira, 2018, p. 21).

Desta forma, discutir a relação entre o racismo e os memes se faz necessário, visto que estes podem ser uma poderosa ferramenta para a construção de um racismo recreativo, baseado em um humor preconceituoso para reivindicar valores e conhecimentos racistas, visto que promovem um mal-estar na comunidade contra as minorias étnicas.

Portanto, este trabalho tem o objetivo investigar a relação dos memes com o racismo no ambiente virtual. O problema se coloca com a seguinte indagação: os memes constituem um mecanismo de reprodução do racismo recreativo em ambientes virtuais? Neste trabalho a hipótese apontada é que existe uma relação entre a proliferação de memes racistas e a normalização do racismo recreativo na internet.

A pesquisa realizada neste trabalho é de caráter qualitativo, sendo uma revisão bibliográfica exploratória, buscando referências em artigos científicos, livros renomados acerca dos assuntos trazidos à tona no trabalho.

No primeiro capítulo, discutiremos o racismo e as violências virtuais contra o povo negro. No segundo capítulo, analisaremos o racismo recreativo e como acontece seu desenvolvimento na



internet. No último capítulo, trataremos sobre os memes e sobre como eles consolidam o racismo recreativo no ambiente virtual.

2 O RACISMO COMO MARCA SOCIAL E VIRTUAL

Charles W. Mills (1997, p. 13-14) observou que nossa sociedade foi fundada com base em um “contrato racial” que demarca os status de brancos e não-brancos, seja pela lei ou pelo costume, assegurando os privilégios e as vantagens dos cidadãos brancos e mantendo a subordinação dos não-brancos.

Nesse sentido, a modernidade produziu a subintegração (Neves, 2018, p.371) das pessoas negras aos sistemas sociais, ao criar subcidadãos que não vão ter acesso aos benefícios do ordenamento jurídico que a população branca, mas não estão liberados dos deveres e responsabilidades impostas pelo aparelho coercitivo estatal (Siqueira, 2020, p. 84)

A cidadania do povo preto é vista de forma escravocrata e violenta, onde existem estereótipos estéticos e sociais para a subalternização desta comunidade em solo brasileiro (Nascimento; Souza; Paula, 2023, p. 6). Tais limitações são vistas diariamente nas redes sociais e em veículos jornalísticos de massa.

A experiência racista ainda está impregnada na história e sociedade brasileira, trazendo grande fardo para a comunidade negra. Nos últimos anos, diversos trabalhos acadêmicos têm sido desenvolvidos e teorias sendo criadas para compreender as facetas do racismo por diversas perspectivas. Uma dessas teorias é o racismo algorítmico.

Tarcízio Silva (2022, p. 15) define racismo algorítmico como uma disposição dos meios de tecnologia sendo utilizados para a propagação de narrativas racistas contra minorias étnicas, embasadas pela ideologia supremacista branca e pelo ódio propagado nas redes sociais diariamente.

Nesse ambiente virtual, podemos identificar ofensas raciais mais veladas, como “microagressões”, que são violências realizadas através de ataques, insultos e piadas, realizadas de forma estrutural contra um indivíduo ou grupo minoritário. Podemos afirmar que as microagressões, podem ser intencionais ou não, mas acabam representando insultos velados com base na raça, gênero, classe social ou etnia e que acabam causando impacto na vida das pessoas atacadas (Lopes; Silva, 2023, p. 123).



Falar em microagressões não implica em afirmar que elas são menos lesivas aos ofendidos, mas sim que elas são mais veladas e, muitas vezes, toleradas na sociedade em razão da não identificação imediata de seus impactos negativos.

Ou seja, esta faceta do racismo age através de “microagressões” diariamente motivadas contra pessoas negras, ridicularizando sua cultura, fenótipos, criando estereótipos negativos contra essa população, tornando os usuários que fazem parte dessas minorias, vítimas de racismo algorítmico.

Divulgação de fake news contra personalidades negras, comentários que depreciam a comunidade negra, a propagação de memes e piadas de cunho pejorativo, têm sido os principais artifícios na construção de um espaço cibernético propício para o racismo e discursos de ódio.

Arthur Coelho Bezerra e Camila Mattos da Costa (2022, p.7), analisando as performances do racismo algoritmo nas redes sociais, nos lembra que:

O racismo discursivo e o que aparece explicitamente em textos e imagens produzidos por indivíduos é apenas mais uma das práticas antinegitude perpetradas nas redes sociotécnicas. Há, no entanto, uma série de “microagressões algorítmicas”, como os microinsultos, as micro invalidações, a deseducação e a desinformação (deliberada ou não) com objetivos racistas (Bezerra e Costa, 2022, p. 7).

Em outras palavras, da mesma forma que o racismo sempre foi normalizado na sociedade através de microagressões, piadas aparentemente sem maldade nenhuma, o racismo algorítmico tem passado por um processo de normalização nas redes sociais e nos demais ambientes virtuais. As mais diversas formas de racismo têm sido utilizadas para construir essa realidade cibernética antinegitude e pouco democrática.

A internet se tornou o novo ambiente de relações sociais onde discursos e subjetividades são construídos. A velocidade que se contacta com informações e opiniões, coloca uma nova problemática da modernidade atual. Kerckhove (2015, p. 58) aponta para as problemáticas trazidas pela internet e pelas mídias sociais. Ele afirma que:

O imediatismo da mídia social permite ao indivíduo se envolver num nível emocional com as questões políticas e sociais. A prontidão para reagir emocionalmente a acontecimentos públicos externos é resultado da percepção, por parte dos usuários da mídia social, de que eles estão pessoalmente conectados uns com os outros, compartilhando seus próprios pontos de vista políticos, e com aqueles que estão dispostos a compartilhar informação e notícias em tempo real (Kerckhove, 2015, p. 58).



Ferreira (2020) aponta para a propagação do ódio como um dos principais motores das redes sociais atualmente. O discurso burguês, pautado muitas vezes em boataria e mentiras, influencia na manutenção de um espaço virtual que normaliza maltratar e difamar pessoas e grupos minoritários.

Como já citado acima, a propagação de discursos raivosos contra minorias étnicas, sociais e religiosas tem ganhado força nas redes sociais e demais espaços de discussão virtual visto a discussão contemporânea acerca desses grupos sociais. Diversos grupos de influência e políticos têm se aproveitado dessas demonstrações de raiva para propagar suas ideologias nefastas.

As redes sociais do mundo todo têm sido ferramentas de influências políticas com discursos virulentos e preconceituosos. O escritor italiano Giuliano Da Empoli (2019), em sua conhecida obra “Os engenheiros do caos”, demonstra como personalidades como Steve Bannon, se utilizaram de manipulação de algoritmos para destruir reputações como da democrata Hilary Clinton e de outros políticos, e propagar informações falsas no intuito de ajudar na campanha vitoriosa de Trump, em 2016.

Empoli (2019, p. 31) lembra que a raiva é uma atitude narcisista de descontentamento com a realidade, muitas vezes comparada com as atitudes adolescentes, e que tem grande poder de mobilização. Por isso, abre-se inúmeras possibilidades de radicalização e formação de grupos preconceituosos nas redes sociais.

Durante as eleições presidenciais americanas de 2012, lembra o autor, milhares de pessoas entraram na rede social racista Storm front para fazer comentários racistas e de baixo escalão contra o candidato Barack Obama e posteriormente vencedor daquelas eleições. Por isso, vale destacar o poder das mobilizações virtuais para criar bolhas de ódio e convencer outros indivíduos de sua histeria (Silva Junior, 2023, p. 129).

No Brasil, as bolhas de ódio e preconceito se institucionalizam por fake News que atacam minorias étnicas, de gênero e sociais. Estas se proliferaram em “bolhas digitais”, onde são divulgadas notícias falsas, com narrativas como “kit-gay”, “mamadeira de piroca” e “ditaduras comunistas na américa latina”³, ofendendo as minorias e degradando o sistema político democrático (Silva Junior, 2023, p. 129-130).

³ A extrema direita tem se utilizado de narrativas preconceituosas com minorias étnicas e sexuais, com o objetivo de restringir direitos e suas vivências. As *fake news* citadas, são frutos de disparos realizados por grupos virtuais da extrema-direita brasileira com o fim de desestabilizar adversários políticos (progressistas).



É comum no discurso político de agentes da extrema-direita mundial frases e afirmações que desrespeitam minorias étnicas e sociais, sendo os negros uma de suas vítimas favoritas (Silva, 2022, p. 12). Como estes fundamentalistas têm um enorme contingente de seguidores nas redes sociais, eles ajudam a manter acessa a chama do racismo e do desrespeito ao próximo.

Usa-se como exemplo o campo político como um proliferador de discursos de preconceito e de desrespeito. Entretanto, o que foi demonstrado acima acontece com naturalidade em outras discussões realizadas no mundo virtual. Infelizmente, existem outros problemas advindos do racismo algorítmico que chama atenção.

Diversos pesquisadores do assunto, como Tarcísio Silva (2022, p. 71) e Ferreira (2020), chamam a atenção para os comportamentos racistas dos bancos de dados em relação a minorias étnicas. Diversos estudos demonstram como erros de identificação facial e de bancos de dados são cometidos contra negros e pessoas de baixa renda.

Visto que os algoritmos constroem tendências de julgamentos, acabam tornando comuns erros no reconhecimento facial, quando realizados com faces de pessoas negras (Silva, 2022, p. 38). É sem dúvida uma nova remodelação da seletividade penal, que corrói a igualdade da lei, e mantém as estruturas racistas no ambiente público virtual.

Sendo assim, podemos ponderar um dado assustador: as microagressões realizadas nos ambientes virtuais contribuem para a formação de bancos de dados com tendências racistas e excludentes. A falsa ideia de imparcialidade dos metadados caem em desgraça quando conteúdos racistas têm ampla divulgação em redes sociais e acabam forjando as metodologias e disposições dos dados.

Se algoritmos são utilizados para a construção de aparatos de construção de decisão política, podem ser utilizados para a proliferação de discursos contra determinados grupos sociais. Claramente, grupos marginalizados se tornam alvos ideais para a propagação de ideais e notícias contra estes, visto sua pouca relação com o poder.

Tal situação, contribui para a seletividade penal presente no sistema criminal brasileiro, que incrimina as populações negras e periféricas, criando encarceramentos em massa e impedindo jovens pobres de encontrarem seus próprios rumos. Os avanços tecnológicos que deveriam buscar corrigir as desigualdades sociais, são utilizadas para acentuá-las.



3 A NORMALIZAÇÃO DO RACISMO NA SOCIEDADE E NAS REDES SOCIAIS

O racismo recreativo tem sua motivação na construção racial que é uma caricatura da população negra brasileira. Os estereótipos que circulam na cultura de massa, colocam a citada população como pobre, de pouco conhecimento, e com problemas de moralidade e com ausência de senso humanitário (Brasil; Brito, 2022, p. 115).

Os exemplos são dos mais variados, vão desde Muçum, o personagem preto dos Trapalhões, que é tratado como um bêbado irracional, até “Vera Verão”, personagem transgênero que fez sucesso nos anos 90, caracterizando o preto e as minorias sexuais como anomalias de gênero e de moral. A mídia tradicional comumente fez chacota do povo negro, fazendo gracejos sobre suas preferências religiosas, culturais e intelectuais. Oliveira (2022, p. 49) relembra como a televisão prestou um papel problemático na construção do racismo brasileiro através do humor. Ela afirma que:

No Brasil, a realidade não é tão diferente, principalmente nos meios de comunicação, que produziram imagens estereotipadas dos negros. Como este autor detalha, a forma mais corriqueira do racismo recreativo é o humor, presente nas piadas, anedotas e em personagens fictícios apresentados nas TVs brasileiras, que são responsáveis por congelar no imaginário social formas estáticas de como é ser negro no país (Oliveira, 2022, p. 49).

A televisão normalizou e promoveu um humor racista, em que o negro foi colocado como uma figura animalesca e sem razão. Essa construção de arquétipo negativo influencia a subalternização do povo preto na atualidade. Esse racismo pode ser demonstrado em novos ambientes tecnológicos, como o virtual.

O professor Adilson Moreira (2018) tem trazido importantes reflexões acerca do racismo recreativo na sociedade brasileira. Através de análises sociológicas, psicológicas desembarcando na construção do direito pátrio, o citado autor tem demonstrado como o arquétipo do negro brasileiro foi construído em uma plataforma racista.

Piadas que retratam a negritude como um conjunto de características esteticamente desagradáveis e como sinal de inferioridade moral não são os únicos temas do humor brasileiro referente aos negros. Há também aquelas que os retratam como animais ou criminosos (Moreira, 2018, p. 19).



A popularização de memes e de outros tipos de divulgação na internet, ridicularizando as populações negras, como por exemplo a série de memes “meme negro”⁴, escancara a marginalização da existência negra nas redes sociais. Tendo como estratégia piadas que parecem inofensivas, repete-se o tratamento que a popularização citada sempre recebeu nos sistemas midiáticos e pela opinião pública.

Jaime de Souza Júnior (2016, p.111), fazendo uma radiografia dos memes contra negros na internet, chega à conclusão de que o meme negro é um exemplo de construção racista na sociedade virtual, construindo possibilidades para a normalização do racismo recreativo.

Peixoto, Castro e Machado (2020, p. 523) afirmam que na última década houve o aumento da polarização política, trazendo questões sociais como gênero, machismo, homofobia, racismo e questões de classe. Assim, o desrespeito racial/social/de gênero recai, em regra, sobre as populações pobres das sociedades presentes em nosso país. Sendo assim, não causa nenhum tipo de surpresa o negro ser retratado em novelas e filmes como escravo, trabalhador braçal e “vagabundo”.

Ao ponderar acerca do racismo recreativo, podemos perceber que houve uma normalização das piadas depreciativas contra negros, não havendo uma reação popular adequada contra essas ofensas reproduzidas na mídia tradicional e no ambiente virtual.

Nesse contexto, Silva e Pereira (2021, p. 11) chamam atenção para a normalização de um humor ríspido contra a população negra como uma estratégia de oprimir o grupo e torná-lo marginal no discurso público e agora virtual. Eles afirmam que:

Desta forma o racismo está nos pilares de sustentação social, faz parte de uma sociedade que a prática em atitudes corriqueiras, assiste-o e é capaz de o aplaudir, mas muitas vezes não o percebe, pois ainda desconhece seus efeitos e suas implicações” (Silva; Pereira, 2021, p.11).

Essa faceta do racismo tem sido difundida de diversas maneiras nas redes sociais e demais ambientes virtuais. Vídeos, textos explicativos (comumente chamados de “thread”, nas redes sociais), fake news de usuários desconhecidos e memes têm sido as formas encontradas para difundir supostas “brincadeiras” que falseiam dados históricos, desrespeitam as características

⁴ Trata-se de uma série de memes que brinca com o termo negro e frases pejorativas. Tal conjunto de memes fez sucesso durante o ano de 2020-2021. Alguns exemplos são: “nego é pessado”, “nego é diferente”, “nego é diferente”.



físicas e sociais do povo negro e normalizam a proliferação de discursos raivosos e de baixo cunho nas redes sociais.

Araújo (2022, p. 50), ao pesquisar influenciados negros, demonstra a dificuldade de eles discutirem termos como racismo e problemas que o povo negro sofre no Brasil. Ela afirma que:

Essa mesma situação também relacionada às palavras ocorreu com a entrevistada 2 no Twitter. “Eu percebo que meu engajamento cai drasticamente quando eu uso palavras como “negro”, “racismo”, “branco”, o meu engajamento simplesmente parece que ele não aparece” (Entrevistada 2). A influenciadora também ressaltou que sempre quando fala sobre algum assunto relacionado à temática racial, seu alcance, conseqüentemente, acaba diminuindo bastante, ficando apenas na sua bolha (Araújo, 2022, p. 50).

O último estágio do racismo algorítmico é a invisibilidade das pessoas negras e suas pautas sociais. A estrutura social compreende a ameaça que é a denúncia do racismo estrutural na sociedade brasileira e desta maneira as reivindicações sociais pretas são inviabilizadas nos ambientes virtuais, ao mesmo tempo que nada se faz em relação aos memes e “brincadeiras” realizadas com essa comunidade nas redes sociais.

4 O RACISMO RECREATIVO E OS SEUS PERIGOS NO AMBIENTE VIRTUAL

Dentre as ferramentas do “dialeto digital”, uma que chama a atenção é o meme. Natalia Botelho Horta (2015) dedicou uma dissertação de mestrado para estudar a linguagem empregada nas redes sociais através do meme. A referida autora lembra que o meme como uma construção linguística da linguagem virtual tem o poder de construir cultura e semiótica.

Natalia Botelho Horta afirma que: “podemos entender o meme como uma cultura, com um espaço semiótico próprio (também uma semiosfera, por assim dizer), possibilitado pelas interações na internet, esta entendida como extensão da consciência” (Horta, 2015, p. 57). Ou seja, o meme por ser uma ferramenta de comunicação simples e assertiva que pode influenciar os participantes das comunidades virtuais.

Magaly Prado (2022, p. 210) aponta para a desinformação e o ódio e memes como o grande perigo das redes sociais em umas circunstâncias do desenho algorítmico atual. A pesquisadora aponta que:

Muitas das pessoas que reclamam da desinformação são desinformadas. São displicentes, preguiçosas ou sofrem da falta de acesso aos noticiários profissionais. A desinformação assume muitas formas, e poderíamos elencar a invisibilidade de notícias como uma delas.



Não informar determinado fato, principalmente quando esse fato é imprescindível ao cidadão, ou seja, de interesse público, também é uma maneira drástica de desinformar. Outras formas incluem imagens, memes (principalmente os visuais), vídeos e trolagem (inclusive as organizadas) (Prado, 2022, p. 210).

A desinformação sobre dados e registros históricos das populações marginalizadas, como a negra, costumam ser distorcidas para criar ambiente para discursos opressivos e raivosos contra essas populações. O humor é uma excelente ferramenta para a difusão de dados errados visto que se traveste de “ideias bobinhas”, para influenciar os usuários a acreditarem em leituras históricas impróprias.

O resultado disso é a normalização de pensamentos racistas sobre questões como etnia, história, e lugar do negro na sociedade. Sendo assim, as redes sociais têm favorecido discursos que inviabilizam o respeito ao povo negro e a sua história. Dessa maneira, precisamos compreender os perigos do racismo recreativo na internet e de como ele se torna uma das mais poderosas ferramentas da propagação de racismo e discurso de ódio variados contra as minorias étnicas historicamente menosprezadas.

Jaime de Souza Júnior (2016, p. 118) alerta para os perigos da difusão de memes nas comunidades virtuais ao afirmar que:

Seu potencial semiótico-discursivo de construção de significados é elástico e, ultimamente, tais memes, em geral, parecem vir sendo usados sob o título de “brincadeira”, para fazerem circular (paulatinamente e de forma camuflada) trajetórias de assimetrias sócio-históricas e formas de opressão candidatas a graus crescentes de manutenção e/ou naturalização. Precisamos acompanhar esse fenômeno da Contemporaneidade de forma atenta e com cautela (Souza Júnior, 2016, p. 118).

A forma “divertida” que se propaga memes na internet, impede muitas vezes a problematização das opiniões muitas vezes difundidas nessas publicações. A semiótica dessas mensagens muitas vezes emula discursos dos mais indecorosos possíveis, mas estão travestidos em estratégias de manipulação de opinião sobre dados históricos, econômicos e sociais.

O racismo algorítmico é uma demonstração concreta da normatização do racismo nos ambientes públicos e sociais do Brasil. Tal situação demonstra como o racismo está impregnado nas estruturas sociais e sistêmicas da sociedade brasileira, marginalizando e estigmatizando as pessoas pretas do país, inclusive em ambientes virtuais (Almeida, 2018, p. 34).

Sendo assim, a capilarização de discursos rasteiros, cínicos e preconceituosos sobre a existência e história de camadas periféricas da sociedade produz ressentimento e racismo no imaginário social, dando folego para a sociedade racista que constrói discursos excludentes e preconceituosos para menosprezar as características negras. Nesse sentido:



O meme em questão funda-se numa reiteração discursiva. Ele une texto verbal e não verbal na composição de seus significados. A cada nova imagem associada ao texto verbal, que é sempre recorrente, há uma ressignificação discursiva, mas que todas apontam para a degradação moral do negro na cultura brasileira. Isso porque esses memes promovem a movimentação de discursos históricos, científicos, sociais que estereotipam a comunidade negra no imaginário brasileiro (Santos, 2020, p. 3971).

Santos (2020) analisa como os memes colocam em xeque a capacidade do indivíduo negro de realizar tarefas simples, bem como colocam em voga a questão moral do povo negro. Nestas publicações, a comunidade é apresentada de maneira depreciativa e com capacidade apenas de realizar atividades depreciadas pela sociedade, sendo que algumas são crimes.

Ademais, Santos (2020) traça a gênese do racismo no discurso social e o aproxima das relações virtuais até chegar a sua manifestação em divulgação de memes racistas e misóginos. Ao passo que, para ela, a linguagem das redes está ligada a termos racistas e que no futuro deve-se buscar uma resposta para esse problema.

O racismo recreativo realça a continuação do impedimento da entrada de negros em espaços e a perpetuação do preconceito acerca de suas características fenotípicas. Paiva e Silva (2019, p. 287), afirmam que:

Nesse sentido, além do racismo, os negros e negras passam pela discriminação do colorismo ou a pigmentocracia causada pela cor da pele. Essa discriminação impede o acesso desses indivíduos em alguns lugares da sociedade, por aspectos fenotípicos como cabelo crespo, nariz arredondado ou largo, dentre outros aspectos físicos materializados por intermédio dos vários significados dos memes digitais analisados[...] (Paiva e Silva, 2019, p. 287).

Portanto, Paiva e Silva (2019) revela que a pigmentocracia, discriminação causada pela coloração da pele, também é refletida nos memes. É comum visualizarmos na mídia (tradicional e virtual) pessoas brancas como pessoas bem-sucedidas e felizes em suas vidas, enquanto as pessoas pretas são colocadas como infelizes, pobres e, como já comentado, imorais.

Desta forma, a representação negativa do povo negro no ambiente virtual é apenas uma manifestação das opiniões enraizadas na sociedade sobre o que seria ser uma pessoa negra. Por isso, o assunto do racismo recreativo deve ser discutido com maior perícia com o objetivo de encontrarmos maneiras de erradicar esses discursos racistas nas redes sociais e demais ambientes virtuais.



A comunidade acadêmica deve estar alerta para o avanço do mundo virtual em detrimento do mundo real e realizar diálogos com a comunidade em geral, com o objetivo de educar as pessoas acerca de compartilharem memes que muitas vezes parecem inofensivos mais que trazem opróbio e preconceito para comunidades esquecidas.

Assim, podemos observar que o racismo recreativo se manifesta nos ambientes virtuais de forma muitas vezes velada, através de memes e piadas, reforçando a exclusão social da população negra e reproduzindo o racismo estrutural de nossa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões propostas neste artigo, podemos observar que o racismo tem encontrado novas formas de sobrevivência em uma sociedade cada vez mais atrelada aos ambientes virtuais.

Dessa forma, o racismo algorítmico tem se proliferado através das redes sociais, dando voz para operadores do ódio que promovem ataques diretos contra pessoas pretas e sobre outros grupos sociais menosprezados, mas também ataques indiretos e velados através de memes e piadas.

Assim, o humor se torna uma eficaz ferramenta para a difusão de ideias racistas, já que grande parte das narrativas e construções de arquétipos racistas foram feitas em programas de humor. Mantendo a cultura de subalternização e desrespeito ao negro, o racismo recreativo coloca em xeque a cultura, aspectos físicos e mentais da comunidade negra.

Na atualidade, os memes têm se mostrado a face útil do racismo nas redes sociais, visto que este tem um poder de construção narrativa no discurso virtual. Muitos desses memes têm feito humor com questões preconceituosas, além de servir de palco para negar e esquecer ações maldosas contra o povo negro, como o branqueamento e a escravidão nos trópicos.

Colocada essa perspectiva, acredita-se que essa realidade virtual só é possível pela existencial de um racismo que corrói as estruturas sociais, desfavorecendo as pessoas negras e abrindo espaço para a estigmatização e violência contra essa população. Nesta toada, gracejos e piadas preconceituosas são normalizadas no cotidiano das redes sociais, da mesma que sempre foram acatadas nos veículos de imprensa e nas relações, garantindo “microagressões” que são provenientes do racismo recreativo.

A experiência racista de nossa sociedade impede discussões democráticas e efetivas acerca da necessidade de modificação do ethos social, passando pela conscientização da população acerca



das questões raciais, tornando os ambientes digitais lugares perigosos e violentos, vide a representação negativa de pessoas negras e de seus traços, cultura e modo de se conectar com a metafísica.

Finalmente, discutir como o racismo recreativo tem se desenvolvido nas redes sociais é uma forma de demonstrarmos preocupação como um ambiente democrático e inclusivo num futuro próximo. Propor uma luta contra o racismo nos ambientes virtuais é garantir a existência e liberdade de milhões de brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARAÚJO, Taiwô Prudêncio. Racismo algorítmico e seu impacto em influenciadores digitais negros no Instagram, Twitter e TikTok. 2022. **Trabalho de conclusão de curso**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2022.
- BRASIL, Charles; LIMA DE BRITO, Frank Henrique. O RACISMO RECREATIVO COMO POLÍTICA CULTURAL. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, [S. l.], v. 5, n. 02, p. 112–119, 2022.
- BEZERRA, Arthur Coelho; COSTA, Camila Mattos da. Pele negra, algoritmos brancos: informação e racismo nas redes sociotécnicas. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2022.
- CAMPOS, Luiz Augusto. RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES: Uma abordagem realista-crítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2017, v. 32, n. 95, 2017.
- DE Kerckhove Derrick. “E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico. **Matrizes**, vol. 9, no. 1, p. 53-65, 2015.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.
- HORTA, Natália Botelho. O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) **Universidade de Brasília**, Brasília, 2015.
- LIMA, Bruna Dias Fernandes. Racismo algorítmico: o enviesamento tecnológico e o impacto aos direitos fundamentais no Brasil. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – **Universidade Federal de Sergipe**, São Cristóvão, 2022.
- LOPES, André. Ronaldo; SILVA, Guilherme Henrique Gomes Da. Microagressões raciais, poder e privilégio nas bibliotecas. **Revista Educação Matemática**, p. 27-54, 2023.



- MOREIRA, Adilson José. **O que é racismo recreativo?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- MILLS, Charles Wright. **The racial contract**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1997.
- NASCIMENTO, Erika. Benigma.; SOUZA, Maria. Celeste. Reis. Fernandes. de; PAULA, Fernanda. Cristina. de. **RACISMO RECREATIVO NOS CORPOS-TERRITÓRIO DE ADOLESCENTES NEGRAS NA ESCOLA**. SciELO Preprints, 2023.
- NEVES, Marcelo. **Constituição e direito na modernidade periférica: uma abordagem teórica e uma interpretação do caso brasileiro**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- OLIVEIRA, Elissânia da Silva. **“É só de brincando, tia!” racismo recreativo em apelidos, piadas e brincadeiras no ambiente escolar**. Orientadora: DanyelleNilin Gonçalves. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- PRADO, Magaly. **Fake News e Inteligência Artificial: O poder dos algoritmos na guerra da desinformação**. Lisboa: Grupo Almedina (Portugal), 2022.
- PEIXOTO, Leonardo. Ferreira.; CASTRO, Maria. Cecília.; MACHADO, Marcelo. Ferreira. A circulação de memes nas redes como táticas de resistências cotidianas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 510–527, 2020.
- QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Revista Katálysis** [online], v. 23, n. 03, p. 419-428, 2020.
- SANTOS, Adeilma Machado dos. **“TÁ RINDO DE QUÊ?”: O GÊNERO MEME E A RECONFIGURAÇÃO DO RACISMO NO AMBIENTE VIRTUAL**. VI CONEDU - Vol 1... Campina Grande: Realize Editora, 2020.
- SILVA, Tarcísio. **Racismo algoritmo**. Sergio Amadeu de Silveira (Org.). 1 ed. São Paulo: Edições SESC. 2022.
- SILVA, CesarAdonay Benjamin de Souza.; PEREIRA, Luis Ismael. O racismo recreativo 30 anos após a publicação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Revista de Direito**, [S. l.], v. 13, n. 02, p. 01–32, 2021.
- SILVA JUNIOR, Jorge Adriano da. Fake news e crise imunológica do estado democrático de direito: um vírus entre o sistema político, jurídico e os meios de comunicação de massa. **Revista Vertentes do Direito**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 110–137, 2023.
- SIQUEIRA, Thiago dos Santos. **Raça sob uma perspectiva sistêmica: observações à luz de uma aproximação entre a teoria dos sistemas e os estudos pós-coloniais**. 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado em Direito) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- SOUZA JÚNIOR, Jaime. de. O lado ‘nego’ dos memes da internet: relações entre letramento visual e a construção do negro no discurso online. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 99–121, 2016.



SOUSA, Joana Paula Silva; PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira.; SILVA, Eduardo Dias da. Multimodalidade da resistência negra: uma análise visual crítica da materialidade discursiva em memes digitais In.: **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

SUE, Derald Wing et al. Racial microaggressions in everydaylife: implications for clinicalpractice. **American psychologist**, v. 62, n. 4, p. 271, 2007.

TOSI, Giuseppe (Org.). **Direitos Humanos: História, Teoria e Prática**. João Pessoa. UFPB, 2004.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. *Ciência e Cultura*, set., Vol.68, n. 3, p. 60-61, 2016

Enviado em: 22/11/2023

Aceito em: 15/10/2024